



# Tradução

Karl Marx/Friedrich Engels

Resenha a

François-Pierre-Guillaume GUIZOT  
**Por que a revolução na Inglaterra foi bem-sucedida?  
Conferência sobre a história da Revolução Inglesa\***

*A resenha ora traduzida é parte de um conjunto de resenhas contidas nos volumes que foram publicadas sem assinatura nos números 2 e 4 da “Neue Rheinische Zeitung. Politisch-ökonomische Revue”. Em 1892, Engels relatou em um esboço biográfico sobre Marx, que juntamente com ele Marx também havia escrito na “Revista” resenhas e análises políticas. No que diz respeito a algumas resenhas, como as dos livros de Emile de Girardin e Guizot, é muito provável que tenham sido escritas por Marx, enquanto a resenha do livro de Thomas Carlyle provavelmente foi escrita por Engels. No entanto, como isso não pode ser comprovado com certeza, mais correto seria considerar a resenha que se segue como uma produção conjunta.*

O panfleto do Sr. Guizot<sup>1</sup> tem como objetivo provar por que Luís Filipe e a política de Guizot não deveriam ter sido derrubados em 24 de fevereiro de 1848 e como o caráter repreensível dos franceses foi o responsável pelo vergonhoso colapso da monarquia de julho de 1830, após dezoito anos de existência árdua, que não durou tanto quanto a monarquia inglesa desde 1688.

Este panfleto mostra como até mesmo as pessoas mais capazes do *ancien régime*<sup>2</sup> e, mesmo aquelas que certamente possuíam talento para a história, foram tão

---

\* Título original da resenha: GUIZOT; *Pourquoi la révolution d'Angleterre a-t-elle réussi?* Discours sur l'histoire de la révolution d'Angleterre. Paris: Victor Masson, 1850. Publicado em *Neuen Rheinischen Zeitung. Politisch-ökonomische Revue. Zweites Heft, Februar 1850*. Traduzido por Ronaldo Vielmi Fortes a partir da edição da *Marx-Engels Werke*. Band 07: August 1849-Juni 1851. Berlin: Dietz Verlag, 1960.

<sup>1</sup> Guizot, François-Pierre-Guillaume (1787-1874) Historiador e estadista francês, orleanista; dirigiu a política interna e externa da França de 1840 a 1848, representando os interesses da grande burguesia financeira.

<sup>2</sup> Antigo Regime

completamente lançadas na confusão pelos eventos fatídicos de fevereiro que perderam toda a compreensão histórica, até mesmo a compreensão de suas próprias ações anteriores. Em vez de serem levados pela Revolução de Fevereiro a reconhecer as circunstâncias históricas totalmente diferentes, as posições completamente distintas das classes sociais na monarquia francesa de 1830 e na monarquia inglesa de 1688, o Sr. Guizot reduz toda a diferença a algumas frases morais e afirma, ao final, que as políticas derrubadas em 24 de fevereiro são "as únicas que preservam os Estados e, portanto, superam as revoluções".

A questão que o Sr. Guizot deseja responder, formulada precisamente, é: Por que a sociedade burguesa na Inglaterra se desenvolveu por mais tempo sob a forma de uma monarquia constitucional do que na França?

A seguinte passagem pode servir para caracterizar o conhecimento do Sr. Guizot sobre o curso do desenvolvimento burguês na Inglaterra:

Sob os reinados de George I<sup>3</sup> e George II<sup>4</sup>, o espírito público tomou um rumo diferente: a política externa deixou de ser sua principal preocupação; a administração interna, a manutenção da paz, as finanças, as colônias, o comércio, o desenvolvimento e as lutas do regime parlamentar tornaram-se a ocupação predominante do governo e do público.

O Sr. Guizot encontra apenas dois momentos notáveis no reinado de Guilherme III: a manutenção do equilíbrio entre o Parlamento e a Coroa, e a preservação do equilíbrio europeu através da luta contra Luís XIV. Sob a dinastia hanoveriana, contudo, o "espírito público" subitamente toma um rumo diferente; ninguém sabe como ou porquê. Aqui vemos como o Sr. Guizot aplica as frases mais comuns do debate parlamentar francês à história inglesa, acreditando tê-la explicado dessa forma. Da mesma maneira, o Sr. Guizot, enquanto ministro, também se imaginava responsável pelo equilíbrio entre o Parlamento e a Coroa e pelo equilíbrio europeu, quando na realidade não fez nada além de vender o Estado francês e toda a sociedade francesa, pedaço por pedaço, aos financistas judeus da bolsa de valores de Paris.

Que as guerras contra Luís XIV foram puramente guerras de concorrência para destruir o comércio francês e o poderio naval francês, que sob Guilherme III o domínio da burguesia financeira recebeu sua primeira sanção com a criação do banco e a

---

<sup>3</sup> George Ludwig de Hanover (1660-1727), ascendeu ao trono com o nome de George I da Grã-Bretanha, foi eleitor de Hanover do Sacro Império Romano de 23 de janeiro de 1698 até sua morte e rei da Grã-Bretanha e Irlanda de 1 de agosto de 1714 até sua morte.

<sup>4</sup> George II Augusto de Hanôver (George II), Rei da Grã-Bretanha e Irlanda (1727-1760) e Eleitor de Hanôver (1727-1760). Foi ainda príncipe-eleitor de Hanôver e duque de Brunsvique-Luneburgo.

introdução da dívida pública<sup>5</sup>, que a burguesia manufatureira recebeu um novo impulso com a implementação consistente do sistema de tarifas protecionistas, o Sr. Guizot não considera que valha a pena falar sobre isso. Para ele, apenas as frases políticas têm significado. Ele nem mesmo menciona que, sob a rainha Anna<sup>6</sup>, os partidos governantes só puderam se manter e preservar a monarquia constitucional prolongando a duração dos parlamentos para sete anos por meio de um golpe de força, destruindo assim quase totalmente a influência do povo sobre o governo.

Sob a dinastia de Hanôver, a Inglaterra já estava pronta para travar a guerra de concorrência contra a França na sua forma moderna. A Inglaterra só combatia a França na América e nas Índias Orientais, enquanto no continente se contentava em pagar príncipes estrangeiros como Frederico II para guerrear contra a França. E quando a guerra externa assume outra forma, diz o Sr. Guizot: “A política externa deixa de ser a questão principal” e em seu lugar surge “a manutenção da paz”. Em que medida “o desenvolvimento e as lutas do regime parlamentar se tornaram a ocupação predominante do governo e do público”, compare-se as histórias de corrupção sob o ministério de Walpole<sup>7</sup>, que, aliás, se assemelham muito aos escândalos que se tornaram comuns sob o senhor Guizot.

O Sr. Guizot explica que a Revolução Inglesa teve um desfecho mais próspero do que a Francesa por duas razões principais: em primeiro lugar, porque a Revolução Inglesa teve um caráter totalmente religioso, ou seja, não rompeu de forma alguma com todas as tradições do passado; e, em segundo lugar, porque desde o início não foi destrutiva, mas conservadora, com o Parlamento defendendo as antigas leis existentes contra as transgressões da Coroa.

No que diz respeito ao primeiro ponto, o Sr. Guizot esquece que o espírito liberal, que tanto o assusta na Revolução Francesa, não foi importado para a França de nenhum outro país senão da Inglaterra. Locke foi seu pai, e em Shaftesbury e Bolingbroke ele já assumiu aquela forma espirituosa que mais tarde teve um desenvolvimento tão brilhante na França. Chegamos assim ao curioso resultado de que o mesmo espírito liberal que, segundo o Sr. Guizot, levou ao fracasso da Revolução

---

<sup>5</sup> O Banco da Inglaterra foi fundado em 1694. Seus fundadores disponibilizaram o capital de fundo ao governo como empréstimo, dando início à dívida pública.

<sup>6</sup> Ana (1665-1714) foi a Rainha da Inglaterra, Escócia e Irlanda de 8 de março de 1702 até 1 de maio de 1707, quando uniu a Inglaterra e a Escócia em um único estado soberano, o Reino da Grã-Bretanha, com o Tratado de União. Ela continuou a reinar como a Rainha da Grã-Bretanha e Irlanda até sua morte, e foi a última monarca da Casa de Stuart.

<sup>7</sup> Robert Walpole, 1.º Conde de Orford (1676-1745), foi um estadista britânico que serviu como o primeiro primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Seu mandato durou vinte anos, tornando-o o primeiro ministro mais antigo da história britânica.

Francesa, foi um dos produtos essenciais da Revolução Religiosa Inglesa.

Em relação ao segundo ponto, o Sr. Guizot esquece completamente que a Revolução Francesa começou de forma tão conservadora, ou mesmo muito mais conservadora, do que a Inglesa. O absolutismo, especialmente como se manifestou na França, foi também aqui uma inovação, e contra essa inovação se levantaram os parlamentos, defendendo as antigas leis, os *us et coutumes*<sup>8</sup> da antiga monarquia estamental. E se o primeiro passo da Revolução Francesa foi o ressurgimento dos Estados Gerais, extintos desde Henrique IV e Luís III, a Revolução Inglesa, por outro lado, não apresenta nenhum fato de conservadorismo clássico semelhante.

Segundo o Sr. Guizot, o principal resultado da Revolução Inglesa foi que o rei ficou impossibilitado de governar contra a vontade do Parlamento e da Câmara dos Comuns. Toda a revolução consiste agora no fato de que, no início, ambos os lados, a coroa e o Parlamento, ultrapassaram seus limites e foram longe demais, até que finalmente, sob Guilherme III, encontraram o equilíbrio certo e se neutralizaram. Guizot considera desnecessário mencionar que a submissão da monarquia ao Parlamento é sua submissão ao domínio de uma classe. Por isso, ele não precisa entrar em detalhes sobre como essa classe adquiriu o poder necessário para finalmente tornar a coroa sua serva. Para ele, toda a luta entre Carlos I e o Parlamento se resume a privilégios puramente políticos. Não se diz uma palavra sobre por que o Parlamento e a classe por ele representada precisavam desses privilégios. O Sr. Guizot também não menciona as intervenções diretas de Carlos I na livre concorrência, que tornavam cada vez mais impossível o comércio e a indústria da Inglaterra, nem a dependência do Parlamento, na qual Carlos I se afundava cada vez mais devido à sua contínua crise financeira, quanto mais tentava desafiar o Parlamento. Por isso, toda a revolução só é explicável para ele pela má vontade e pelo fanatismo religioso de alguns agitadores que não se contentavam com uma liberdade moderada. O Sr. Guizot também não consegue esclarecer a relação entre o movimento religioso e o desenvolvimento da sociedade burguesa. A república é, naturalmente, também obra de alguns ambiciosos, fanáticos e mal-intencionados. O fato de que, na mesma época, em Lisboa, Nápoles e Messina, também foram feitas tentativas de introduzir a república, e, assim como na Inglaterra, também com vistas à Holanda, é um fato que não é mencionado. Embora o Sr. Guizot nunca perca de vista a Revolução Francesa, ele nem mesmo chega à conclusão simples de que a transição da monarquia absoluta para a constitucional só ocorre em todos os lugares após violentas lutas e após a passagem pela república e

---

<sup>8</sup> tradições e costumes.

que, mesmo assim, a antiga dinastia, considerada inútil, deve dar lugar a uma linha lateral usurpadora. Sobre a queda da monarquia inglesa da Restauração, ele só sabe dizer os lugares-comuns mais triviais. Ele nem mesmo menciona as causas imediatas: o medo dos novos grandes proprietários fundiários, criados pela Reforma, do restabelecimento do catolicismo, com o qual eles teriam naturalmente que devolver todos os bens eclesiásticos que haviam roubado, ou seja, com o qual sete décimos de toda a área territorial da Inglaterra teriam mudado de proprietário; o receio da burguesia comercial e industrial em relação ao catolicismo, que de modo algum se encaixava em seu comércio; a indiferença com que os Stuarts, para seu próprio benefício e o de sua nobreza, venderam toda a indústria inglesa, juntamente com o comércio, ao governo da França, ou seja, ao único país que na época representava uma concorrência perigosa e, em muitos aspectos, vitoriosa para os ingleses, etc. Como o Sr. Guizot omite os momentos mais importantes em todos os aspectos, não lhe resta nada além de uma narrativa extremamente insuficiente e banal dos acontecimentos meramente políticos.

O grande enigma para o Sr. Guizot, que ele só consegue decifrar graças à inteligência superior dos ingleses, o enigma do caráter conservador da revolução inglesa, é a aliança contínua entre a burguesia e a maior parte dos grandes proprietários fundiários, uma aliança que distingue essencialmente a revolução inglesa da francesa, que destruiu as grandes propriedades fundiárias através do parcelamento. Essa classe de grandes proprietários fundiários ligada à burguesia, que aliás já havia surgido sob Henrique VIII, não se encontrava, como a propriedade fundiária feudal francesa em 1789, em contradição, mas sim em total harmonia com as condições de vida da burguesia. Suas propriedades fundiárias não eram, na verdade, feudais, mas sim propriedades burguesas. Por um lado, eles forneciam à burguesia industrial a população necessária para o funcionamento das manufaturas e, por outro, eram capazes de dar à agricultura o desenvolvimento que correspondia ao estado da indústria e do comércio. Daí seus interesses comuns com a burguesia, daí sua aliança com ela.

Com a consolidação da monarquia constitucional na Inglaterra, a história inglesa chega ao fim para o Sr. Guizot. Tudo o que se segue limita-se, para ele, a uma agradável alternância entre *Tories* e *Whigs*<sup>9</sup>, ou seja, para ele, ao grande debate entre o Sr. Guizot

---

<sup>9</sup> O *Whig Party*, era o partido que reunia as tendências liberais no Reino Unido, e contrapunha-se ao *Tories Party*, de linha conservadora.

e o Sr. Thiers<sup>10</sup>. Na realidade, porém, é apenas com a consolidação da monarquia constitucional que começa o magnífico desenvolvimento e a revolução da sociedade burguesa na Inglaterra. Onde o Sr. Guizot vê apenas uma calma suave e uma paz idílica, na realidade desenvolveram-se os conflitos mais violentos, as revoluções mais decisivas. Primeiro, sob a monarquia constitucional, a manufatura se desenvolveu a uma escala até então desconhecida, para então dar lugar à grande indústria, à máquina a vapor e às fábricas gigantescas. Classes inteiras da população desaparecem, novas classes tomam seu lugar, com novas condições de vida e novas necessidades. Surge uma nova burguesia, ainda mais colossal; enquanto a velha burguesia luta contra a Revolução Francesa, a nova burguesia conquista o mercado mundial. Ela se torna tão poderosa que, mesmo antes que a lei de reforma lhe conceda poder político direto, já obriga seus oponentes a promulgar leis quase exclusivamente em *seu* interesse e de acordo com *suas* necessidades. Ela conquista representação direta no Parlamento e a utiliza para destruir os últimos resquícios de poder real que restavam à propriedade fundiária. Ela está, finalmente, neste momento, ocupada em demolir completamente o belo edifício da Constituição inglesa, diante do qual o Sr. Guizot permanece admirado.

E enquanto o Sr. Guizot elogia os ingleses por não terem deixado que os excessos repreensíveis da vida social francesa, o republicanismo e o socialismo, os pilares fundamentais da monarquia que traz a felicidade, não abalaram os alicerces da monarquia, enquanto na Inglaterra as diferenças de classe na sociedade atingiram um nível sem igual em nenhum outro país, onde uma burguesia com riqueza e força produtiva incomparáveis se contrapõe a um proletariado igualmente incomparável em termos de poder e concentração. O reconhecimento que o Sr. Guizot presta à Inglaterra resume-se, portanto, ao fato de que aqui, sob a proteção da monarquia constitucional, se desenvolveram elementos de uma revolução social muito mais numerosos e muito mais radicais do que em todos os outros países do mundo juntos.

Quando os fios do desenvolvimento inglês convergem para um ponto crucial que ele próprio não consegue mais resolver com meras frases políticas, o senhor Guizot recorre a frases religiosas, à intervenção armada de Deus. Assim, por exemplo, o espírito de Deus repentinamente se apodera do exército e impede Cromwell de se proclamar rei, etc. etc. Guizot salva sua consciência por meio de Deus e salva-se do público profano por meio do estilo.

---

<sup>10</sup> Thiers, Louis-Adolphe (1797-1877) Historiador e estadista francês, orleanista; Primeiro-Ministro (1836, 1840); Deputado da Assembleia Nacional Constituinte em 1848; Presidente da República (1871 a 1873), executor da Comuna de Paris.

De fato, não apenas *les rois s'en vont*<sup>11</sup>, mas também *les capacités de la bourgeoisie s'en vont*<sup>12\*</sup>.

**Como citar:**

MARX/ENGELS. Resenha a Guizot: Por que a revolução na Inglaterra foi bem-sucedida? Conferência sobre a história da Revolução Inglesa. Trad. por Ronaldo Vielmi Fortes. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 30, n. 2, pp. 482-488, 2025.

---

<sup>11</sup> os reis vão embora

<sup>12</sup> as capacidades da burguesia vão embora

\* Em seu artigo “Marx e o problema da decadência ideológica” [in: LUKÁCS; *Marx e Engels como historiadores da literatura*; São Paulo: Boitempo, 2016; p. 100] Lukács faz uma instrutiva relação dessa frase final com um trecho de *O 18 Brumário*, afirmando que a passagem “oferece um fundamentação epigráficamente condensada” da sentença a seguir: “A burguesia tinha a noção correta de que todas as armas que ela havia forjado contra o feudalismo começavam a ser apontadas contra ela própria, que todos os recursos de formação que ela havia produzido se revelavam contra a sua própria civilização, que todos os deuses que ela havia criado apostataram dela” (MARX, *O 18 brumário de Luís Bonaparte*; São Paulo: Boitempo, 2011; p. 80).